

## ***Projeto SP 2040: “a cidade que queremos” é a cidade que quem quer?***

*Lívia Maschio Fioravanti*

*Mestranda em Geografia Humana - USP*

Em clima de campanha às eleições municipais, os debates sobre os considerados problemas urbanos (ainda mais intensos em uma metrópole da dimensão de São Paulo) parecem ressurgir com mais fervor nos discursos políticos ou na imprensa.

Como a causa de muitos desses problemas (como trânsito, poluição, falta de acesso à educação, moradia, lazer...) está, segundo uma ideologia fortemente impregnada em grande parte dos habitantes das metrópoles e difundida pelo poder público e por certos acadêmicos, na falta de um “planejamento eficaz” e “em longo prazo”, como questionar um projeto cujas diretrizes preveem uma São Paulo até o ano de 2040, perpassando sete gestões municipais?

O Projeto SP 2040<sup>1</sup> apresenta como objetivo central “eleger como a cidade quer ser a longo prazo”, identificando “seus principais desafios e as melhores estratégias para superá-los”. O Projeto, complementar ao Plano Diretor (de duração de 10 anos), propõe como cenário desejado para São Paulo: um “padrão de crescimento segundo uma cidade policêntrica e compacta”; um “sistema de transporte articulado ao padrão de crescimento adotado” e “uma cidade cada vez mais competitiva, articulado a economia brasileira com o mundo”. Assim como muitas outras intervenções urbanísticas realizadas em São Paulo, o Projeto SP 2040 segue deslumbradamente o caminho do que foi realizado em demais cidades mundiais, inspirando-se em “experiências internacionais de cidades como Nova Iorque, Chicago, Paris, Hong Kong e Ontario”.

Segundo o projeto, em 2040 toda população “habitará com dignidade e chegará ao trabalho de forma confortável e em tempo compatível com uma boa qualidade de vida”; “terá acesso a serviços de educação e de saúde de qualidade e a amenidades, como lazer, cultura e parques nas suas vizinhanças; encontrará “a forma de conviver com as águas, com seu meio ambiente e com sua paisagem”; e “terá oportunidades de emprego e de um envelhecimento com qualidade”. Para atingir esses objetivos, estruturou-se o projeto em “cinco eixos estratégicos” (oportunidades de negócios, desenvolvimento urbano, mobilidade e acessibilidade, coesão social e melhoria ambiental) e em cinco “projetos catalisadores”, transversais aos eixos: “parques urbanos; cidade de 30 minutos; comunidades e rios vivos; e pólos de oportunidades”.

---

<sup>1</sup> Mais detalhes no site <<http://sp2040.net.br/>>. Acesso em 23 de julho de 2012.

A partir de possibilidades já pré-determinadas no Projeto, realizaram-se consultas públicas a parcelas da população, dando um ar democrático ao que já está, ao menos em suas grandes diretrizes, traçado. Alguns paulistanos tiveram a oportunidade de escolher se gostariam de uma cidade engajada, fluida, policêntrica, competitiva, sustentável, justa ou fácil (imagem 1). Ainda foi possível votar em qual seria o maior desafio a enfrentar até 2040 (aproximar moradia e emprego; recuperar qualidade ambiental; infraestrutura urbana adequada; inclusão social; produtividade e competitividade; e ampliar a capacidade de investimento) e qual projeto catalisador deveria ser considerado prioritário.

**QUESTIONÁRIO**

**1 – A Visão 2040: A Cidade que Queremos**

A visão nos ajuda a definir uma imagem do que queremos para a cidade no futuro, de imaginarmos a nossa cidade daqui a 30 anos. Por favor, indique até três principais qualidades da Cidade que Queremos para nossos filhos, para as próximas gerações e para nós mesmos em 2040: \*

<input type="checkbox"/> a- Engajada - todos trabalhando por uma cidade melhor.	<input type="checkbox"/> f- Justa - resolvidos os seus problemas de desigualdade.
<input type="checkbox"/> b- Fluida - muita mobilidade, acessibilidade e transporte público de qualidade.	<input type="checkbox"/> g- Fácil - uma cidade simples para encontrar os serviços necessários, circular, conhecer e visitar.
<input type="checkbox"/> c- Policêntrica - diversos centros de emprego, habitação e serviços.	<input type="checkbox"/> Não considero nenhuma dessas qualidades apropriadas (se você tiver sugestões de outras qualidades, participe dos <a href="#">fóruns de discussão no site</a> ).
<input type="checkbox"/> d- Competitiva - ambiente inovador e fácil para abrir novos negócios.	<input type="checkbox"/> Não sei ou não quero responder.
<input type="checkbox"/> e- Sustentável - qualidade ambiental e uma relação harmônica com seus recursos naturais.	

Imagem 1. Questionário para consulta sobre Projeto São Paulo 2040. Disponível em <<http://consultapublicasp2040.questionpro.com/>>. Acesso em 24 nov. 2011.

As consultas foram feitas com 25.389 paulistanos e realizadas pela internet, em tablets em estações de metrô e de trem, em oficinas nas subprefeituras e em workshops e seminários. Os resultados dessas consultas sobre o Projeto, iniciado em 2010, foram divulgados neste ano<sup>2</sup>:

**A cidade que queremos:** fluida – 25%, sustentável – 20%, justa –15%, policêntrica – 13%, engajada – 10%, fácil – 9%, competitiva – 7%.

**Principal desafio:** promover a infraestrutura urbana adequada – 23%, recuperar a qualidade ambiental – 21%, aproximar moradia e emprego – 21%, promover a inclusão social –19%, promover a produtividade e competitividade – 9%, ampliar a capacidade de investimento na cidade –7%.

<sup>2</sup> Os resultados podem ser acessados em <<http://sp2040.net.br/destaques/2012/01/em-primeira-mao-os-resultados-da-consulta-publica/>>.

**Principal projeto catalisador:** cidade de 30 minutos – 20,1%, rios vivos – 19,9%, comunidades – 17%, polos de oportunidades – 15%, parques urbanos – 10%, cidade policêntrica – 9%, cidade global – 8%.

Não é de espantar que se queira uma cidade fluida e que a “cidade de 30 minutos” tenha sido escolhida como projeto prioritário. Em 2012, os paulistanos gastaram, em média, 2 horas e 42 minutos em deslocamentos diários<sup>3</sup>. Deslocamentos precários e que massacram o cotidiano, submetendo grande parte da população a penosos trajetos (ou ao menos demorados, àqueles dentro de seus carros) do local de moradia ao de trabalho ou de estudo (**imagem 2**).



Imagem 2. Estação Sé do metrô lotada no embarque da Linha Azul em 14 de março de 2012. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/061624-leitores-relatamproblemas-no-metro-e-na-cptm-em-sp-leia.shtml>>.

O Projeto SP 2040, baseado em uma parceria com custo de 2,9 milhões de reais por ano entre a Prefeitura Municipal de São Paulo e a Universidade de São Paulo<sup>4</sup>, mostrou o óbvio. Despejando dinheiro na Fundação de Apoio à USP (FUSP), envolveu professores (provavelmente, escolhidos a dedo) da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU), Escola Politécnica (POLI) e Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (FEA) e revelou o que grande parte dos paulistanos já sabia: quem não quer uma cidade cujo deslocamento entre casa e trabalho seja melhor e mais rápido?

Em vez de concentrar esforços, tempo e dinheiro público para dar um ar democrático a consensos (“cidade fluida”; “cidade trinta minutos”), por que não construir caminhos para inverter a já cristalizada tendência de concentração de empregos nas áreas centrais da metrópole (**imagem 3**) e permitir que as classes sociais de menor renda também morem (e continuem morando) no centro (**imagem 4**)?

---

<sup>3</sup> Disponível em <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2010/09/paulistano-gasta-em-media-2-horas-e-42-minutos-no-transito-todos-os-dias.html>>. Acesso em 25 de julho de 2012.

<sup>4</sup> “USP e prefeitura trabalharão em projeto de longo prazo para São Paulo”. Jornal da USP, 06 de janeiro de 2011. Disponível em <<http://www4.usp.br/index.php/institucional/20624-usp-e-prefeitura-trabalharao-em-projeto-de-longo-prazo-para-sao-paulo>>.

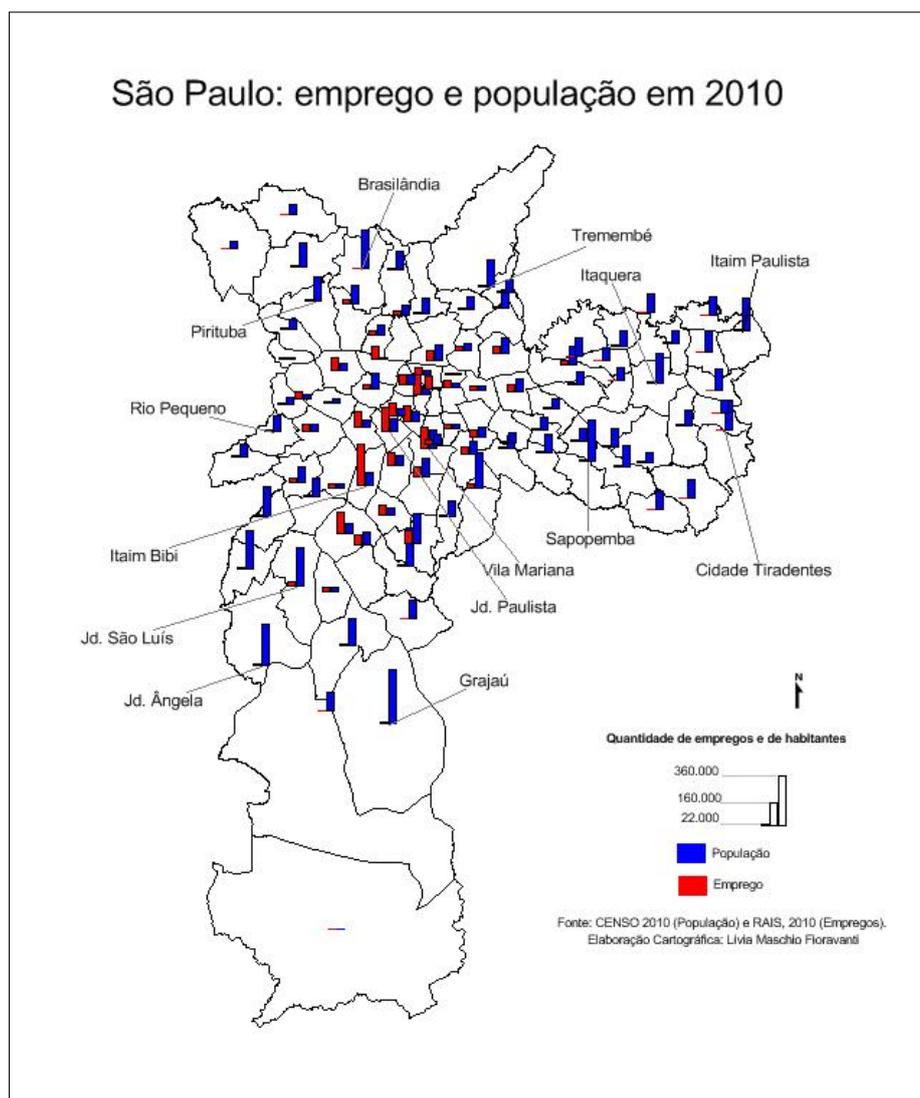


Imagem 3. Mapa da concentração de empregos nas áreas centrais e concentração populacional nas áreas periféricas.

O Projeto SP 2040 também ratificou temas da moda. A preocupação com o ambiente apareceu, no total dos dados levantados, sempre como prioritária em relação à social: uma “cidade sustentável” é mais importante que uma “cidade justa”, recuperar a “qualidade ambiental” é mais urgente do que promover a “inclusão social” e ter “rios vivos” é um projeto prioritário em relação àquele que envolve “comunidades” de menor renda. Por que ter rios vivos (em gerações que já nasceram com o Tietê e o Pinheiros mortos já há tempo) aparece como mais imediato em relação aos temas que tocaram, mesmo que superficialmente, a segregação socioespacial em São Paulo? Por que não discutir a concentração de renda na cidade (**imagem 4**)? O alibi ambiental mascara de modo assustador temas mais relevantes.

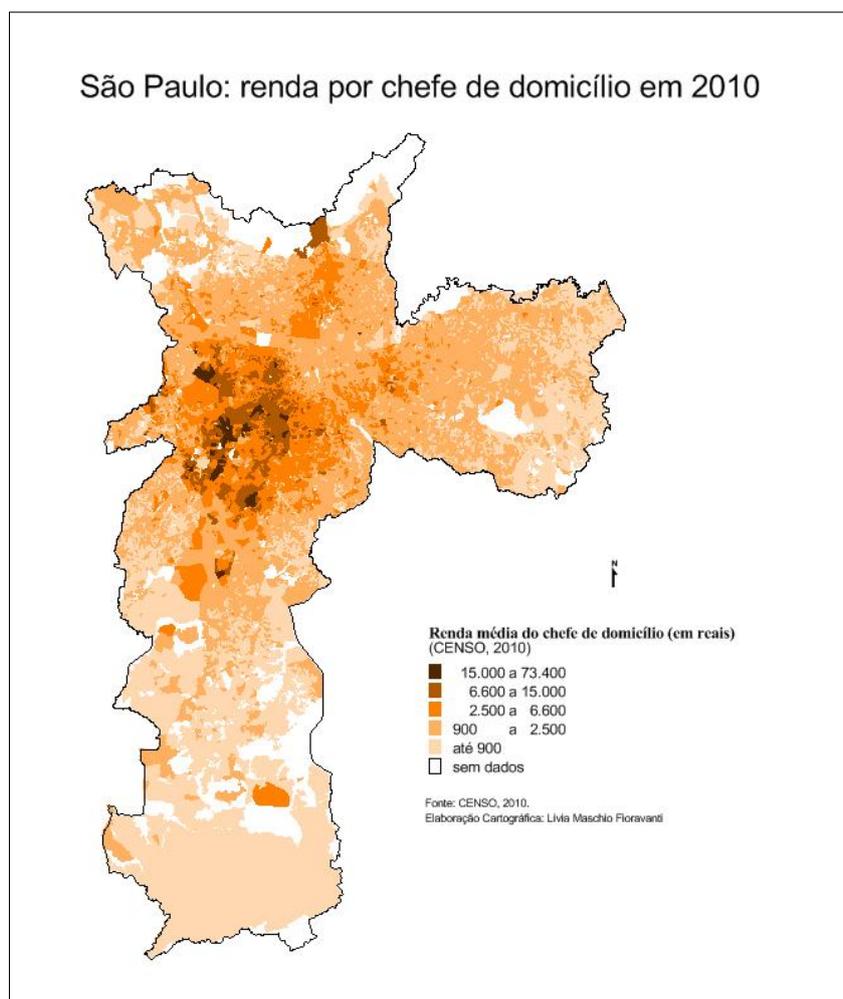


Imagem 4. Mapa da concentração de renda (por setor censitário).

Podemos questionar ainda o que no Projeto apareceu como “participação efetiva da sociedade”. Do total dos participantes das consultas públicas, 76% possui nível superior (43% ensino superior completo e 33% pós-graduação), enquanto que apenas 5% possui ensino médio e 1% ensino fundamental. Os empregados assalariados totalizaram 57% e os estudantes 12%. Os desempregados foram de apenas 3% e donas de casa de 2%.

Essa certamente é apenas uma parcela da população paulistana: a com mais acesso ao trabalho e ao estudo, dando claros indícios de que o Projeto SP 2040 (assim como tantos outros que realizam breves consultas à população) não foi amplamente divulgado às parcelas da sociedade menos escolarizadas. Qual a legitimidade dessa amostra e do público que participou e pôde, ao menos, opinar sobre o Projeto, tendo em vista que, segundo dados de 2007, apenas 12% da população tem nível superior em uma cidade marcada pela concentração do acesso mínimo ao estudo (imagem 5)?<sup>5</sup>

<sup>5</sup> Dado disponível em <<http://www2.boxnet.com.br/pmsp/Visualizacao/ImpressoWeb.aspx?IdClipping=18528363&Id>>

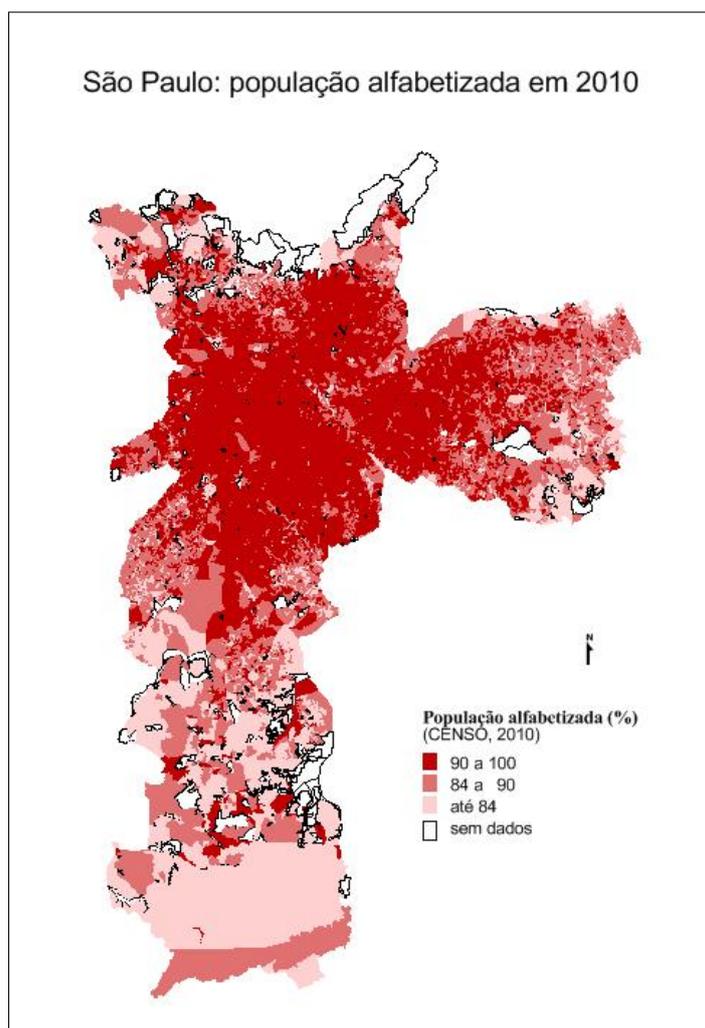


Imagem 5. Mapa da concentração da população alfabetizada nas regiões centrais.

Considerando-se a hipótese de que tenha existido uma ampla estratégia de divulgação do Projeto – pessoalmente, não vi reportagens na mídia ou divulgação por meio de cartazes, folhetos, etc. Tomei conhecimento de uma “oficina pública regional” apenas no dia anterior e por meio de uma lista de emails – os dados mostram como o acesso à informação continua sinuoso para a maioria dos paulistanos.

Será que podemos afirmar que um projeto como este, em que apenas uma parcela da população opinou em diretrizes já estabelecidas, realmente conta com uma participação democrática? Bastam oficinas públicas (cujas regras foram bem similares às estabelecidas nas audiências públicas) realizadas em cada subprefeitura e nas quais se responde a formulários ou se fale por cinco minutos?

---

EmpresaMesa=&TipoClipping=I>. Dados do CENSO de 2010 referentes à escolaridade da população em São Paulo ainda não foram divulgados.

De nada adianta oficinas ou audiências públicas para que poucos assinalem com um “X” a cidade que querem para 2040 se as medidas de políticas urbanas e de planejamento continuarem a serem determinadas arbitrariamente e sem uma participação ativa da população.

Na oficina pública da Subprefeitura do Butantã <sup>6</sup>, uma moradora fez a seguinte pergunta aos palestrantes sobre o Projeto SP 2040: *“Por que aí está escrito ‘cidade competitiva?’ Eu não quero uma cidade competitiva, São Paulo não precisa ser competitiva”*. Enquanto questionamentos como esse (completamente pertinente sobre as próprias bases do que realmente visa o Projeto SP 2040) continuarem sem resposta, os espaços e momentos institucionalizados de debate, como as audiências públicas, não passarão essencialmente de espetáculos de falsa democracia.

Se pontos centrais ou polêmicos do que o Estado pretende para a cidade não forem debatidos e se a população não puder realmente participar da elaboração e construção de um projeto de cidade, as frases no site do Projeto SP 2040 como: *“Ajude a construir cidade que você quer: Participe de nosso Fórum!”* ou *“Quais medidas fariam com que os cidadãos se identificassem mais com a cidade?”* servirão, sobretudo, para que se mantenha a dominação e o *status quo* com a aparência de um viés democrático. Impede-se, desse modo, que questionamentos maiores sejam feitos à atuação do Estado, neste caso do poder público municipal, no espaço urbano.

Não se trata aqui de negar um planejamento que realize oficinas ou audiências públicas (as quais se constituem desde a Constituição de 1988, ao menos teoricamente, em um dos únicos mecanismos, senão de participação popular, mas ao menos de reunião entre técnicos do Estado e parcelas da população), mas de refletir porque a população precisa ser apenas “consultada”.

Podemos, então, perguntar: “A cidade que queremos”, slogan do Projeto SP 2040, é a cidade que quem quer?

“A cidade que queremos” é pensada apenas por especialistas ou por fundações privadas, tentando calar as vozes dissonantes e o pensamento crítico? “A cidade que queremos” precisa seguir os passos dos tão aclamados modelos estrangeiros? “A cidade que queremos” precisa ser “competitiva e atrativa”? Pensando a cidade que queremos, podemos então refletir para quem, por quem e com quais objetivos transformaremos o espaço urbano.

Projetos como o SP2040 podem nos cegar: há o risco de nos vislumbramos com o futuro (a partir de ideias abstratas: uma cidade “harmônica”, “sustentável”, “engajada”) e não vemos aquilo que está bem diante de nossos olhos. A mesma Prefeitura que pensou o Projeto SP 2040, deslocando a atenção da população para um projeto longínquo a ser realizado no futuro (mesmo que daqui a apenas trinta anos) visando pensar uma “cidade ideal” para todos, é exatamente a mesma Prefeitura

---

<sup>6</sup> Oficina pública regional realizada no CEU Butantã no dia 23 de novembro de 2011.

que no presente (e da noite para o dia) empreende políticas higienistas, realizando inúmeras desapropriações para dar lugar a operações urbanas ou a parque lineares, usa da força policial para retirar usuários de drogas da região da Nova Luz, tenta cassar a licença de trabalho de ambulantes ou proibir organizações assistenciais de distribuir sopa aos moradores de rua.

O Projeto 2040 contribui para que passe a impressão de que os processos que envolvem as decisões do Estado (especificamente, da Prefeitura Municipal de São Paulo) são democráticos. Concretiza-se uma ideologia que dissimula o que Henri Lefebvre chamou de uma “integração desintegrante”, na qual se obtém “pelo menor preço a aquiescência das pessoas interessadas e em questão”, apoiando “um simulacro mais ou menos desenvolvido de informação e de ativismo social”<sup>7</sup>. Propondo outro modo de pensar e construir o urbano, o autor afirma:

O importante me parece ser a intervenção dos interessados. Eu não digo participação (há também um mito da participação) enquanto não exista intervenção direta nas questões de urbanismo, enquanto não exista a possibilidade da autogestão na escala das comunidades locais urbanas, enquanto não haja tendências à autogestão, enquanto os interessados não tomem a palavra para expressar, não apenas o que precisam, mas também o que desejam, o que querem... (...). Insisto profundamente na ideia de que pode haver uma participação ilusória: reunir em uma sala duzentas pessoas e lhes dizer, apresentar-lhes num quadro: eis os planos de urbanismo que já foram elaborados – isso não é sequer uma consulta, é uma publicidade, é uma pseudoparticipação (...). A participação deve ser uma intervenção ativa e contínua dos interessados, ou seja, que, na realidade, trata-se de comitês de base, de comitês de usuários, tendo uma existência permanente (...)<sup>8</sup>.

É preciso lembrar, desse modo, que uma participação democrática está longe de ser somente o direito à voz e ao voto. Sendo assim, por que a cidade que queremos não é uma cidade da qual poderemos participar e usufruir? Por que não ir além das escolhas que nos são dadas e pensar uma outra cidade? Uma São Paulo que pode parecer impossível hoje, mas que pode ser possível amanhã?

---

<sup>7</sup> Lefebvre, Henri. *O Direito à Cidade*. São Paulo: Centauro, 2006. Pg. 100.

<sup>8</sup> Lefebvre, Henri. *Du rural à l'urbain*. Paris: Anthropos, 1970. Pg. 226. Tradução livre do original em francês.